

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Olhares educacionais diferenciados: Anísio Teixeira e Erasmo Pilotto

Helena Isabel Mueller
Maria Ignês Mancini De Boni

Resumo: A noção de *cuidado de si* é elaborada por Foucault tendo como centro de suas atenções a Grécia Antiga e o Império Romano, a partir da leitura do *Alcebiades*, de Platão. Quando avança suas reflexões para o surgimento do cristianismo reforça o deslocamento que foi feito, na história, da noção de *cuidado de si* para a de *conhecimento de si* – da atividade para o pensamento – que irá sustentar a noção de confissão no mundo moderno. Em nosso trabalho, nos apropriamos do *cuidado de si*, em especial no que se refere à importância do mestre e do aprendizado para o exercício da política. Essa apropriação poderá, por vezes, parecer simplificadora e disciplinadora das propostas de Anísio Teixeira e de Erasmo Pilotto a um determinado fim. É um risco que corremos tendo em vista a exigüidade do espaço e do objetivo do texto: provocar o pensamento, pensar o não pensado.

Palavras-chave: cuidado de si; educação; política.

Abstract: The notion of care for the self was elaborated by Foucault having the readings of Plato's *Alcebiades*, the Antique Greece and the Roman Empire the focuses of his attentions. With the incomings of Christianity he describes the dislocation of the attentions from care for the self to knowledge of the self – from action to reflection – that is going to sustain the notion of confession in modern world. In this paper we appropriate ourselves of the notion of care for the self, mainly when refereeing to the importance of the master and of apprenticeship to the exercise of politics. This appropriation may seem, at times, as simplifying and as disciplinary of the propositions of Anísio Teixeira and Erasmo Pilotto to specific means. It is a risk we accept, having in mind the exiguity of space and the object of this text: instigate thinking, think about what hasn't been thought.

Key words: care for the self; education; politics.

Pegar Foucault por onde se quer. Freqüenta-lo. Ele é vital para quem inventa espaços, habita contrapositionamentos, utopias efetivamente realizadas, as heterotopias. Essa é a recomendação de Edson Passetti (2006) que pretendemos seguir para discutir as atividades e propostas de dois educadores que vivenciaram a construção da cultura da modernidade brasileira dos anos 1930-1940, colaborando nessa caminhada desde o processo educacional. O pensamento de Foucault tem estado presente nas reflexões sobre a educação de uma maneira significativa, não somente para aplicar suas idéias às práticas e teorias educacionais mas,

como diz Silvio Gallo (2006(a), p.253-254), com ele “...repensar a educação; isto é, tornar uma vez mais o pensamento possível em Educação.” Isso porque seus textos nos mostram uma maneira “...de interrogarmos nossa relação com a verdade, de questionarmos o que identificamos como verdadeiro e qual a razão que nos leva a isso.”

Foi também Silvio Galo (2006b) quem nos instigou a pensar a partir da noção elaborada por Foucault de *cuidado de si* para (re)pensar o discurso da *educação para todos*, presente nos dois educadores partícipes da Escola Nova, movimento educacional por vezes pejorativamente chamado de tecnicista. Uma primeira leitura dessa proposta e trabalho pode evidenciar uma tensão entre a proposta foucaultiana de construção das subjetividades e a proposta aparentemente universalizante dos dois educadores. É no espaço dessa tensão que pretendemos nos movimentar.

Foucault, em *Tecnologias del yo* (1990), escreve ter chegado ao estudo do *cuidado de si* ao se perguntar como o sujeito se obrigou a decifrar-se a si mesmo pensando as relações entre a obrigação de dizer a verdade e as proibições sobre a sexualidade. Questão relacionada com o confissão cristã. Coloca-se, nesse sentido, as seguintes perguntas: “de que forma algumas proibições exigiram o preço de um certo conhecimento de si mesmo? O que uma pessoa deve ser capaz de saber sobre si para desejar renunciar a algo?” (FOUCAULT, 1990, p.47)). Dessa forma chega a uma hermenêutica das tecnologias do eu, as técnicas que os homens vêm usando para entender a si mesmos. Constrói quatro tipos principais ressaltando que cada uma delas está associada a um tipo de dominação. Destacamos os terceiro e o quarto tipos:

3) *tecnologias e poder, que determinam a conduta dos indivíduos, os submetem a certos tipos de fins ou de dominação, e consistem em uma objetivação do sujeito;*
4) *tecnologias do eu que permitem aos indivíduos efetuar, por conta própria ou com a ajuda dos outros, certo número de operações sobre seu corpo e sua alma, pensamentos, condutas, ou qualquer forma de ser, obtendo assim uma transformação de si mesmos, com o fim de alcançar certo estado de felicidade, pureza, sabedoria ou imortalidade. (FOUCAULT, 1990, p.48)*

Nesse pequeno histórico de sua trajetória, define a governamentalidade como o contato entre as tecnologias de dominação sobre outros e aquelas que se referem a si mesmo: é na trajetória histórica de como um indivíduo atua sobre si mesmo, nas tecnologias de dominação individual, que centra sua atenção no texto em questão. Gros (2006, p.128), em um texto que analisa o cuidado de si em *A hermenêutica do sujeito*, reitera essa questão: “A história que Foucault quer descrever, em 1982 é a das técnicas e ajuste da relação de si para consigo: história que leva em conta os *exercícios* pelos quais eu me constituo como sujeito, a história das *técnicas* de subjetivação, história o *olhar* a partir do qual eu me constituo a mim

mesmo como sujeito.”

Foucault inicia propondo a discussão não só na teoria mas sim em uma série de práticas que se articulam no final da Antiguidade: o *cuidado de si*, que para os gregos era um princípio fundamental das cidades, enquanto regra da conduta social e pessoal; e o *conhece-te a ti mesmo*, um princípio délfico, uma conduta prática de conhecer a si mesmo antes fazer alguma coisa, ter segurança para tal, como por exemplo, não se julgar um deus ao falar com os deuses. Chama atenção para a existência de uma subordinação do segundo ao primeiro, subordinação essa que cessa ou é invertida no cristianismo e no mundo moderno com a supremacia do conhecimento.

Em *Tecnologias del yo* Foucault (1990) estuda essa preocupação consigo, o *cuidado de si* através da leitura do *Alcebiades*, de Platão, a história de Alcebiades, que pronto para entrar na vida pública, na política, quer ir além dos privilégios que tem por nascimento e herança: quer exercer um poder pessoal sobre os outros, sobre todos. Quer – e deve – se tornar ativo no jogo político e amoroso. “Na interseção entre a ambição política e o amor filosófico se encontra o “cuidado de si”. Foucault (Apud MUCHAIL, p. 250) define o momento de Alcebiades, que está no final da adolescência, “...quando se sai das mãos dos pedagogos e se está para entrar no período da atividade política”, ou seja quando está pronto a participar da vida da polis, de interferir em sua história, exercer a política. Para tal precisa aprender a cuidar de si para, assim, poder cuidar do outro.

Salma Muchail, em estudo sobre a leitura de Foucault do *Alcebiades*, ressalta que Alcebiades, possuidor de grande beleza e riqueza, não era possuidor da *tekhné*, de um certo saber proveniente da educação; não está, portanto, preparado para governar. Pior, não sabe que não sabe, que não tem conhecimento. Sócrates, seu mestre, declara então a urgente necessidade de que ele venha a *cuidar de si*. Cita a passagem em Platão: “Não te preocupes. Se isso tivesse ocorrido aos cinquenta anos, ser-te-ia difícil remediar tomando cuidado de ti mesmo; estás, ao contrário, justamente na idade em que deve aperceber-se disso” (Apud MUCHAIL 2006, p.250, nota 31). Começa, assim, seu aprendizado.

O que vem a ser, esse cuidar de si, esse *ocupar-se de si mesmo*? Para Foucault, para além de o *se* ser um pronome possessivo, implica também em uma noção de identidade, e é construído em um movimento dialético. Há preocupação consigo quando há preocupação com a alma, principal atividade do cuidar de si. Alma não enquanto substância, mas enquanto atividade, atividade de conhecer-se olhando para um similar, um espelho, o quer dizer olhar a um elemento divino. Por outro lado, é sobre esse princípio de cuidar de si, conhecendo-se a si, que se assenta a ação política; é somente à medida em que Alcebiades venha a contemplar sua

alma no elemento divino é que será um bom político. “O conhecer-se a si mesmo se converte no objeto da busca do cuidado de si. A preocupação consigo mesmo e as atividades políticas estão relacionadas.”(FOUCAULT, 1990, p. 58-59)

O cuidar de si não é uma tarefa fácil. “Não se cuida de si para escapar do mundo, mas para agir como se deve”. (GROS, 2006, p. 132). Assim sendo, esse cuidado de si, por se austero e colocar a si em reação direta consigo, precisa da ajuda de um outro, da figura do mestre da existência que venha a ajudar nessa dolorosa tarefa. Nesse sentido não é uma tarefa solitária e na relação com o mestre são desenvolvidas atividades de conversa, de troca de cartas, ensinamento e aprendizagem em escolas, formações individuais, entre outras.(Gros, 2006). Nas palavras de Foucault:

O cuidado e si é, com efeito, algo que [...] tem sempre necessidade de passar pela ação com um outro que é o mestre [...]. Porém o que define a posição do mestre é que ele cuida do cuidado que aquele que ele guia ode ter de si mesmo e que, no amor que tem por seu discípulo, encontra a possibilidade de cuidar do cuidado que o discípulo tem de si próprio. (Apud MUCHAIL, 2006, p. 244.)

Como Gallo (2006 (b)), estamos propondo o (re)pensar a Educação, pensar o já pensado, pensar o ainda não pensado tendo a Filosofia de Foucault como direcionadora de nosso olhar, descolonizadora do pensamento. A partir do delineamento das questões foucaultianas do cuidado de si, acima exposto, propomos algumas questões a serem pensadas a partir de fragmentos de discursos identificadores das idéias de Anísio Teixeira e Erasmo Pilotto, que expressam preocupação com o cuidado de si. Nesse sentido, ressaltamos que esse é um texto propositivo e não conclusivo, se é que a conclusão se faça necessária.

A noção de *cuidado de si* é elaborada por Foucault tendo como centro de suas atenções a Grécia Antiga e o Império Romano, a partir da leitura do *Acebiades*, de Platão. Quando avança suas reflexões para o surgimento do cristianismo reforça o deslocamento que foi feito, na história, da noção de *cuidado de si* para a de *conhecimento de si* – da atividade para o pensamento – que irá sustentar a noção de confissão no mundo moderno. Nesse trabalho nos apropriamos do *cuidado de si*, em especial no que se refere à importância do mestre e do aprendizado para o exercício da política. Essa apropriação poderá, por vezes, parecer simplificadora, bem como disciplinadora das propostas de Anísio Teixeira e de Erasmo Pilotto a um determinado fim. É um risco que corremos tendo em vista a exigüidade do espaço e do objetivo do texto: provocar o pensamento, pensar o não pensado. Olhar a educação como um dos caminhos a serem seguidos para que o sujeito aprenda o *cuidado de si* e, assim, desenvolva o *cuidado do outro*.

Alguns trabalhos sobre Anísio Teixeira, educador brasileiro bastante conhecido

para precisar ser apresentado, o situam como um dos mais importantes representantes do escolanovismo – que realmente foi – acentuando seu caráter tecnicista e por vezes autoritário, mesmo que poeta. Uma das questões que respalda essa perspectiva é a de que ele se preocupava excessivamente com a formação de elites, em detrimento da educação das classes populares. Essa questão cai por terra quando analisamos quando critica a Reforma Campos de 1931 que propunha um ensino secundário e superior formador de uma elite intelectual que, poderíamos dizer, teria a “função” de se tornar capaz de cuidar de si *para* cuidar do outro. Nas considerações que Anísio Teixeira faz a respeito da Reforma, que ficaram esquecidas por um tempo e foram enviadas, em 1959, ao Ministro Clemente Mariani quando do início das discussões da LDB, critica exatamente a concepção da ênfase dada à formação de uma elite intelectual brasileira. Propõe a “... criação de elites em todas as atividades e classes, o que incluía os trabalhadores intelectuais mas não os privilegiava” (NUNES, 2000,p. 334, nota 68). Em um e outro aparece a educação como espaço para o aprendizado do cuidado de si para o exercício da política; a noção de política é que difere; no primeiro a formação de uma elite para *dirigir* a nação. No segundo a formação de elites desde outra perspectiva:.

Educação e o exercício da democracia – da política - são constantes em sua vida, como mostra o texto "A forma democrática implica um desenvolvimento social e político, que tem por base a educabilidade humana, e no qual a educação é concebida como processo deliberado, sistemático, progressivo e, praticamente, indefinido de formação do indivíduo e de realização da própria forma democrática" (TEIXEIRA, 1968, apud SOUSA, 1997, p. 1)

Sem dúvida, a técnica e o cientificismo estão presentes nos projetos e propostas de Anísio enquanto Diretor da Instrução Pública do Distrito Federal, como estão presentes na vida e no pensamento de seus contemporâneos modernistas. No entanto quando elabora propostas de políticas públicas educacionais a sedução pela máquina e pelas técnicas cede espaço para a utopia.

Uma das grandes preocupações de Anísio era com a formação secundária e universitária no Brasil. Dessa preocupação resultou criação da Universidade do Distrito Federal, em 1935, e a Universidade de Brasília, em 1962. Em um texto no qual faz uma reflexão sobre a universidade, a define como o espaço da formação da inteligência e da cultura nacional, uma formação que vinha sendo plasmada no exterior, em Portugal, na França, Inglaterra, Estados Unidos, sem que fosse construída uma preocupação de se articular uma cultura nacional. Até 1800, diz ele, a Universidade de Coimbra era a fonte central de nossa cultura. No século XIX, segue dizendo, houve uma ruptura nessa formação e surgiram as escolas superiores no Brasil, “...puramente profissionais e

mantivemos o ensino secundário de tipo clássico e acadêmico”. (TEIXEIRA, 1989). Nas palavras de Anísio:

Onde as fontes para o preparo de professores para esses dois tipos de ensino? Com os resíduos da cultura que trazíamos do período colonial, íamos manter tais escolas, mas como iramos preparar os seus professores? Tivemos que confiar as fontes de nossa cultura ao puro autodidatismo, pela leitura dos livros estrangeiros que as novas condições e difusão da cultura nos viriam trazer e pela possibilidade de viagens à Europa. (TEIXEIRA, 1989)

A alienação da cultura nacional e os equívocos relativos à própria cultura que foram acentuados pela “repentina ênfase positivista dos começos da República” (TEIXEIRA, 1989) vêm contribuir para a hostilidade em relação às universidades. As escolas superiores isoladas deixaram de ser profissionais e tenderam a se tornar “...escolas gerais de cultura jurídica e social (as de direito), de cultura biológica e médica geral (as de medicina), de cultura matemática, física e de engenharia politécnica (as de engenharia)” (TEIXEIRA, 1989). Pressupunha-se que essas escolas, não se sabe como, dariam a cultura nacional necessária, sem haver uma preocupação com o preparo da formação das fontes que iriam geral a cultura nacional. Poderíamos aí ver uma preocupação com a formação dos mestres no aprendizado do cuidado de si?

Erasmus Pilotto (1910-1992) foi um dos mais importantes educadores paranaenses. Apaixonado pela “Escola Nova”, abraçou a causa do desenvolvimento social e econômico do Estado via Educação. Foi Secretário da Educação do Paraná, no período de 1948 a 1950, e durante seu mandato promoveu a organização escolar, em especial a formação de professores primários, criando as Escolas Normais Rurais (Regionais. (PILOTTO, 1959,p47-58)

Leitor de Nietzsche, Goethe, Renan, Dewey, admirador de Anísio Teixeira, Erasmus Pilotto propõe o novo na educação, analisa situações de desenvolvimento brasileiro e suas relações com a educação e dedica páginas a discutir a educação para todos. Neste aspecto julgava injustificável e insustentável limitação considerar educação apenas como educação escolar, ou ainda, educação primária, secundária e profissional, a palavra profissional tomada no sentido restrito das profissões que são destinadas às classes menos favorecidas em oposição às profissões das classes privilegiadas. Para ele educação era o “direito à participação de uma vida verdadeiramente humana. (PILOTTO, 1960, p29), aproximando-se de Anísio Teixeira na discussão sobre as elites.

Considerando a organização política da sociedade julgava que ela atingia seu limite na máxima “cada homem pertence-se a si mesmo”(idem p.49), o que torna necessário

que se aperfeiçoe a sua participação na vida do Estado. Para Erasmo o homem está continuamente buscando a si mesmo durante a juventude e no seu entender é a Escola que ajuda o jovem no processo de aprender a conhecer-se e fazer-se valer. Não apenas uma escola primária mas uma escola integral na qual o discípulo permaneceria até os dezoito anos e que lhe daria o direito de prosseguir além deste período e durante toda a existência, o desenvolvimento da uma cultura intelectual, estética, profissional, cívica e moral. (PILOTTO,1952 p93 e PILOTTO,1960p.65).

Nessa escola não haverá nem classes, nem graus de ensino, nem exames (no sentido corrente desses termos em nossa vida escolar), nem promoções. Haverá, sim, ricas oportunidades, de experiências proporcionadas aos alunos, agrupados, sem rigidez, segundo a idade e as características pessoais de desenvolvimento geral, em grupos tão espontâneos quanto possível, e sujeitos a uma observação permanente, científica e viva, que permita que se lhes dê, em cada momento, as atividades e cuidados que lhes são específicos. (PILOTTO, 1960 p.78/19)

Por estas poucas considerações podemos aproximar estes autores do conceito do cuidado de si e do cuidado do outro como atitude do mestre pois pregava a preparação de mestres ao mesmo tempo em que via na educação a forma do indivíduo atingir a vida plena.

O cuidado de si está também presente na defesa de que o homem pertence-se a si mesmo e que a preparação para a vida em sociedade e para a política devia ser feita na juventude através da escola, com a participação do mestre.

Referências bibliográficas

- FOUCAULT, Michel. **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Iberica, 1990.
- GALLO, Silvio. (a) *Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de Foucault*. In: GONDRA, J. e KOHAN, W. O. **Foucault 80 anos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Pp.177-189.
- GALLO, Silvio. (b) *Foucault: (Re)pensar a educação*. In: RAGO, M. e VEIGA NETO, A. **Figuras de foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Pp.253-260.
- GROS, Frédéric. *O cuidado de si em Michel Foucault*. In: RAGO, M. e VEIGA NETO, A. **Figuras de foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Pp.127-138.
- MUCHAIL, Salma. *Da promessa à embriaguez: a propósito da leitura foucaultiana do Alcebiades de Platão*. In: RAGO, M. e VEIGA NETO, A. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Pp.239-252.
- NUNES, Clarisse **Anísio Teixeira: a poesia da ação**. Bragança Paulista: EDUSF, 2000
- PASSETTI, Edson. *Heterotopia, anarquismo e pirataria*. In: RAGO, M. e VEIGA NETO, A. **Figuras de foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. Pp.109-118.

- PILOTTO, Erasmo. **A educação é direito de todos**. Curitiba: Papelaria Max Roesner, 1952.
- PILOTTO, Erasmo. **Direito à educação**. Curitiba: Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba, 1960.
- SOUSA, Célia P. *Anísio Teixeira, um educador polêmico e incansável, às voltas com a educação pública e democrática*. In: **Revista da Faculdade de Educação**. Vol .23 n.1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.
- TEIXEIRA, Anísio. **Educação e universidade**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.